



Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P.

Núcleo do Conhecimento

Boletim Informativo | OUT 2023

## A Arte de Vindimar

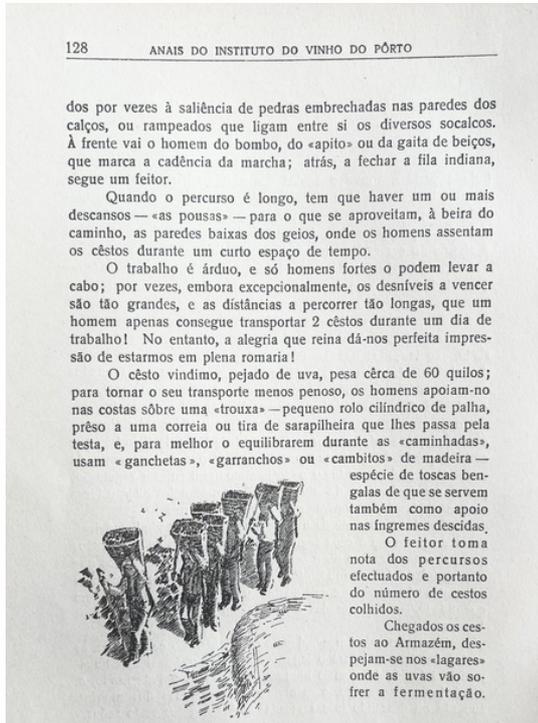
A Região Demarcada do Douro é assinalada, na despedida do verão, pelo início da época da vindima. Região única, de clima pelicular, transmite sob o ponto de vista topográfico e cultural, uma imagem genuína refletindo os costumes de outrora. O modo como a vinha nos surge, a peculiaridade do terreno, e o *saber-fazer*, engrandecido e afinado em tantas gerações, para os trabalhos associados à vindima e à feitura do vinho, marcam a identidade da região, garantindo a raridade dos seus vinhos. O início da vindima nem sempre teve a objetividade com que hoje é fixado. Noutros tempos, a data da vindima era estabelecida por município, através de alvarás das Câmaras, prática que gradualmente caiu em desuso, dando lugar à marcação do início da mesma pelos grandes proprietários das quintas, seguido pelos pequenos e médios viticultores.



Vindimando na Quinta do Crasto, fotografia da autoria de Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão).

a tarefa basicamente manual e de extrema dureza, em que o recurso à mão-de-obra é fundamental, espelhando a robustez das gentes durienses. Da colheita do fruto até à transformação em vinho, os trabalhos prevalecem, no seu fundamento, idênticos aos de outrora.

Das encostas e socalcos da região brotam as essências primordiais, mais célebres e avultadas, para o fabrico do vinho. O vinhedo é metamorfozido e trabalhado de acordo com as épocas do ano, resultando na maturação das uvas e culminando com a vindima, o ponto alto dum ano de trabalho agrícola. A progressiva mecanização que hoje presenciamos não dispensa



Anais do Instituto do Vinho do Porto. 1941. Biblioteca do IVDP, IP.

Nas vinhas tradicionais, localizadas nas encostas com grande declive, que não permitem o acesso a meios mecânicos, o transporte das uvas continua a ser feito às costas, em cestos de verga, exigindo a força e a resistência necessárias para ultrapassar as condições ambientais e dureza orográfica.

A alegria, os cantares e o ânimo vibrante irradiado pelas vindimadeiras contagiavam as gentes em redor, transformando a vindima numa festividade, cujas razões incidiam na celebração do final do verão e no resultado de um exigente ano de labuta realizado em condições adversas. No passado, a caminho das quintas caminhavam grupos de homens,

mulheres e crianças, acompanhados ao som de acordeões, bombos e ferrinhos, as famosas *rogas*, cujos cantares continuavam durante o tempo da colheita. Alguns aspetos desta tradição foram esquecidos, prevalecendo determinados festejos, na colheita, no pisar das uvas e no jantar, com canções e música.

O ritual da vindima não terminava na colheita, prolongando-se por todos os afazeres associadas à vindima, quer no transporte e no *sovar* das uvas, assim como no *sangramento* do lagar.

A música e a alegria estavam onipresentes, e o pisar das uvas prosseguia, desde a simples *ordem monótona* de compasso ordenado e disciplinar até à *ordem à vontade*. A tarefa árdua e repetitiva transformava-se em entusiasmados ânimos de gritaria, que apelidavam de verdadeiras manifestações de *possessos de demónio*, acompanhada de cantares à desgarrada. A euforia instalava-se, arrastando-se os festejos pela noite dentro.



Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P.

*Núcleo do Conhecimento*

Boletim Informativo | OUT 2023

Acalmavam-se os ânimos, e abandonava-se o espaço para repor forças e repousar, enquanto o mosto seguia na sua fermentação, primeiro tímida, depois buliçosa, transformando o fruto em vinho de cor carregada, denso e incorporado, forte como quem o fez nascer.

Segue-se o pagamento às gentes vindimadoras realizado pelo feitor ou pelo proprietário da vinha, terminando o processo da vindima. O vinho será vigiado, para que não desmereça do tamanho esforço que o fez nascer. Após a colheita, a vinha repousa, vestindo-se de tons outonais, adquirindo uma panóplia de cores que convertem a paisagem numa tela ilustrada.



*Pagamento depois da vindima. Fotografia de Emílio Biel, reproduzida do livro O Douro Ilustrado da autoria de Manuel Monteiro. 1911.*

As vindimas, embora efémeras, são o epílogo do longo e pesado esforço que transcende o ano agrícola, principiado no amanho do terreno, o corolário do trabalho do Homem, pontuado por incessantes vicissitudes, um labor com raízes e saberes ancestrais, marco indelével do esforço, da perseverança e da dedicação à terra.

Ao perpetuar os costumes e valores de antigamente, enaltece-se a memória identitária, cultural e patrimonial coletiva, rememora-se a dureza da vida das gentes durienses, presenteia-se o seu esforço, dá-se oportunidade à fugaz alegria que fortalece a resiliência, para que a vindima ocorra ano após ano.



## **HISTÓRIA. SIMBOLOGIA.**

O edifício da Delegação do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P., localizado na cidade do Porto, é um edifício de cariz histórico e emblemático. Apresenta elementos únicos e ornamentais do património arquitetónico, decorativo e cultural, que contribuem para a identidade do próprio Instituto, acrescentando particularidades na simbologia alusiva às vindimas. Neste espaço podemos observar elementos decorativos que revivem a memória dos labores da colheita das uvas.



Vitral da claraboia localizado sobre a escadaria, da autoria do vitralista Ricardo Leone. O vitral de forma oval encontra-se num plano em vidro incolor, ornamentado com cachos de uvas e respetivas folhas com cores vivas, exibindo, ao centro, uma roseta em leque. Do conjunto decorativo destacam-se as cores amarelo, verde e roxo, tons que simbolizam o estado de maturação da vinha.



Medalhão inserido no gradeamento das portadas interiores e do gradeamento da escadaria de acesso ao piso superior.

Ao centro do medalhão é exibido um cesto vindimador repleto de cachos de uvas e folhas. O medalhão e o cesto, de ferro forjado, estão rodeados por volutas de folhas de acanto.



Ornamento em estuque, em médio-relevo, localizado na calote esférica subjacente ao vitral. Com quatro painéis em tons de amarelo, decorados com ramos de cachos de uvas, folhas e gavinhas, que se entrelaçam num movimento fluído. Cada conjunto decorativo é preso por um laço, ostentando na zona central uma flor, atribuindo ao elemento decorativo um remate final de elegância.